

Agora, não

D.F. - 1980

Em mais de uma oportunidade o Correio Braziliense manifestou sua total discordância diante da idéia de uma representação parlamentar para Brasília. Por ser desnecessária, descabida e desajustada.

Desnecessária porque o Distrito Federal tem todo o Congresso Nacional como seu representante, pois os deputados e senadores aqui trabalham e vivem, pronunciando-se quase diariamente das tribunas e das comissões a propósito dos problemas locais. Existe até mesmo uma Comissão Especial do Senado Federal para tratar das questões do Distrito, instância a mais alta possível na República.

Além disto, a nomeação do governador de Brasília, pelo Presidente da República, concede-lhe um fio direto para todos os órgãos públicos, sem divisionismos internos. Qualquer solução de problema dispensa intermediários.

A pretensão também se apresenta descabida porque é notória a insuficiência da receita pública do Distrito Federal, para atender a suas necessidades mínimas. Elas terminam supridas sempre pela União.

Esta capital tem servido muito mais de porta ou de ponte para a efetiva ocupação do Centro-Oeste, que apenas de sede burocrático-administrativa. Hoje em dia, com telex e avião, a sede poderia ficar em qualquer lugar. As ordens seriam obedecidas do mesmo modo.

A localização da capital da República no quadrilátero Cruls, traçado há décadas, destinou-se muito mais a polarizar as atenções brasileiras para o interior, pois desde o século XVI que o cronista Frei Vicente do Salvador dizia que vivíamos arranhando o litoral como caranguejos...

Está sendo alcançado o objetivo da interiorização do país, em grande parte graças a Brasília, conforme o demonstra, por exemplo, o florescimento do novo Mato Grosso do Sul. Claro que se deve também muito ao transbordamento das energias paulistas, mas elas encontrariam dificuldades se houvesse resistência ou mesmo indiferença federal.

Brasília insere-se neste amplo contexto geopolítico, sem o qual se tornaria incompreensível construir uma metrópole nesta área.

Quando as capitais bradam por autonomia, incovam sobretudo o fato de levarem os respectivos estados às costas. Alguns quase falidos, enquanto elas invariavelmente prosperam. Aqui sucede o oposto: sem a maciça ajuda federal, Brasília fecha as portas e vamos ter de começar tudo de novo...

Ninguém de bom senso tem direito de sonhar para Brasília (triste pesadelo!) a repetição, nem de longe semelhante, da "Gaiola de Ouro", escarnecedor apelido dado pelo povo à outrora célebre Câmara de Vereadores carioca. Ela não seria tolerada pela própria população brasiliense, nem mesmo por aqueles que, ausentes no trato doutros problemas, tivessem dado margem a que chefetes eleitoreiros locais alcançassem aqui o poder. Mas é o que poderia acontecer como passo seguinte ao da conquista da representação federal.

E agora, com a nação noutra etapa do seu desenvolvimento econômico e político, pareceria insuportável o rebaixamento do nível do debate em pleno coração e cérebro do país.

Claro, por outro lado, que se trata de uma fase. Ainda não temos um tipo brasiliense definido. Isto aqui continua um laboratório. Há camadas superpostas de imigrantes, quase sem comunicação mútua. Predomina a heterogeneidade, facilmente aproveitável pelos carreiristas. Cedermos a eles significa capitularmos perante um caos desnecessário.

A inspiração da ausência de representação para as capitais provém do modelo de Washington, que só o modificou após muito tempo, quando mudaram as circunstâncias. É o que também temos de fazer. Brasília precisa amadurecer suas massas e suas elites. Só o tempo pode fazê-lo.

Portanto não estamos negando a validade deste tipo de debate. Muito pelo contrário. Associamo-nos a ele, no intuito democrático de ouvirmos as opiniões e com elas discutirmos. Não estamos subestimando o progresso brasiliense. Apenas desejamos que ele seja maior, para tornarem-se possíveis aquelas e outras modificações.

Desde que sejam para o bem de Brasília, pois nenhuma opinião deve predominar sem longa e pormenorizada discussão.